



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9865 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

Juventude e religiões afro-brasileiras: práticas educativas, responsabilidade social e participação política nas ocupações secundaristas

Douglas Franco Bortone - Universidade Federal de Alfenas

RESUMO

Com origem em uma pesquisa maior, de âmbito nacional e financiada pelo CNPq, o presente trabalho propõe conhecer o envolvimento da juventude em espaços religiosos, na forma de uma análise transversal que articula possíveis competências, sentidos e significados úteis para o engajamento político nas ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016. Das diversas expressões religiosas encontradas nos dados da respectiva pesquisa, destaca-se, nesta reflexão, jovens que pertencem a religiões afro-brasileiras. Tal vinculação a religiões afro-brasileiras foi a mais influenciada pela experiência das ocupações, seja por permitir conhecer essas religiões, seja para reforçar o pertencimento.

Palavras-chave: Juventude; Umbanda; Ocupações Secundaristas.

O movimento das ocupações estudantis no Brasil resultou em diversas experiências e possibilidades de análise que vinculam educação, formação política e trajetória de vida dos estudantes. Dentre eles, destaco o lugar da religião como fenômeno presente na vida e na formação dos estudantes, moldando e atribuindo significados políticos e sociais. Embora se considere a experiência religiosa como algo privado, não se pode negar a dimensão pública da religiosidade, tão presente nas práticas de solidariedade, como a participação em ações sociais realizados pela organização religiosa (palestras, filantropia, distribuição de cesta básica e outros). Independente da confissão de fé e por mais diferentes que possam ser uma das outras, o exercício da alteridade é algo em comum quando se fala em religião.

Os dados iniciais aqui apresentados são frutos da pesquisa nacional sobre as ocupações secundaristas^[1], cujos objetivos propõe conhecer o envolvimento da juventude em espaços religiosos. Realizadas 82 entrevistas, de caráter semiestruturado, em 10 unidades da federação, foi possível perceber a experiência religiosa em dois momentos: o primeiro, na participação dos estudantes em ações sociais organizadas pelas instituições religiosas; o segundo, nos impactos que a experiência de ocupar trouxe para seu envolvimento com a religião.

Os grupos religiosos presentes nas ocupações são majoritariamente cristãos (católicos

e evangélicos). Mas há outros dois grupos significativos: os “sem religião” e os que declaram filiação a religiões de matrizes africanas, o qual doravante será mencionado como religiões afro-brasileiras. A escolha da análise sobre a juventude afro-brasileira neste trabalho se dá pela necessidade de valorizar a religiosidade popular em um contexto de exceção.

As discussões sobre juventude e seu pertencimento religioso nos últimos anos têm revelado fluidez nas decisões de identificação religiosa deste grupo social. Com a secularização, a modernidade e a perda da regulação institucional (HERVIEU-LÉGER, 2015), a possibilidade de novas experimentações ganharam espaço no cotidiano juvenil. Isso faz com que os jovens possam se desvincular da religião da família e assumam seu pertencimento com outras expressões de fé que dialogam com questões identitárias, raciais, culturais e populares. Para Lages (2019), as pesquisas que articulam o associativismo jovem nas religiões afro-brasileiras com questões étnico-raciais “são poucas e recentes”. Em uma pesquisa com jovens universitários com pertencimento religioso na Umbanda, Lages (2019) se debruçou em compreender as narrativas sobre as religiões afro-brasileiras, apontando para a necessidade do combate do racismo religioso e de um reconhecimento positivo da expressão religiosa a partir das instituições de ensino.

Há, portanto, uma necessidade de ampliar um olhar sobre as relações da juventude com as religiões afro-brasileiras para além das discussões curriculares. Se historicamente os terreiros estavam submetidos ao ocultamento de suas expressões, de forma negativa, pejorativa e preconceituosa; depois chegaram a ser vistos como representantes da diversidade cultural popular existente no Brasil; mas hoje voltam a ser alvos do chamado racismo religioso. Assim, nossa proposta aqui é apresentar reflexões iniciais sobre o envolvimento da juventude na Umbanda e o Candomblé e os relatos e registros da pesquisa nacional. Fizemos uso da metodologia qualitativa, com o desafio de compreender e destacar as múltiplas representatividades religiosas e seus reflexos na militância estudantil.

Quadro 1: Ocupas que se auto-declaram como pertencentes a religiões afro-brasileiras

Pseudônimo	Idade	Pertencimento religioso	Atuação política
Alysson	19	Umbanda	Após a ocupação se envolveu com o grêmio estudantil. Destaca a defesa da Umbanda como uma atividade política.
André	26	Candomblé	Organizou as atividades da ocupação. Participou do levante popular da juventude.
Augusto	20	Candomblé	Participou do grêmio e formou a USES (União Sorocaba dos Estudantes Secundaristas).
Caroline	20	Umbanda	Na ocupação participou de diversas comissões. Sem militância prévia.
Have	20	Umbanda	Participou da juventude do PT (Partido dos Trabalhadores) e integrou o grêmio que ocupou sua escola e a Superintendência Regional de Ensino.

Ana Paula	21	Umbanda	Integrante do JUNTOS (antes, após e durante a ocupação).
Daniel Oliveira	19	Matriz Africana	Integrante dos coletivos “Juventude” e “Vamos a luta”
Mayna	19	Umbanda	Sem militância prévia. Na ocupação, atuou na cozinha e em ações de revitalização da escola.
Larissa	19	Umbanda	Fazia parte da chapa eleita pelo grêmio.

Fonte: Banco de dados da pesquisa nacional

As religiões afro-brasileiras abarcam símbolos e culturas populares que legitimam as lutas sociais, o que, na perspectiva de Santos (2016, p.23), é compreendida como “legitimadora e subversiva”. Essa aproximação é perceptível no caso de Ana Paula, uma jovem gaúcha, cuja família sempre esteve envolvida com a Umbanda. Seus avós, pais de santo, lideravam um espaço religioso, conhecido popularmente como terreiro^[2]. Sua mãe, da mesma confissão de fé, sempre apoiou sua participação na ocupação. Ana, afirma que a ocupação “ajudou a fortalecer o seu lado espiritual”, quando a espiritualidade ganha uma dimensão social, prática e subversiva.

Para André, a experiência de ocupar reforçou o seu pertencimento religioso no Candomblé, ampliando o olhar político e a crença na possibilidade de transformação das pessoas a partir da educação. Assim, compreendemos a espiritualidade como “algo inerente ao ser humano” (JORGE; OLIVEIRA, 2013, p.31), independente da confissão de fé, um conjunto de valores e símbolos que norteiam e impulsionam toda ação humana. Para Caroline “todo mundo tem um sentido mesmo, espiritual, ou tipo de luta de classe ou de melhorar as pessoas” (CAROLINE, entrevista, Curitiba/PR, 2019)

A legitimação cultural tatem mbém é vista no relato de Have, jovem, negro e homossexual que se identifica com a Umbanda por questões identitárias e enraizamento cultural.

Antes eu não tinha envolvimento nenhum com religião, depois nunca mais quis, mas devido aos meus ascendentes, historicamente dizendo, tenho minhas raízes africanas, então sim, hoje eu tenho uma religião, hoje eu sou umbandista. E eu me aproximei por amor, por amor à religião, com reconhecimento nacional, por afirmação, reafirmação, ao mesmo tempo do sentimento nacional, do sentimento de enraizamento nesse Brasil. Então, eu vi que o não chegar era preconceito meu, então, nas ocupações das pessoas, das religiões envolvidas, eu não me aproximei, protestantismo, evangelismo, não me aproximei pois não me agrada, porque aquele momento eles deveriam ter visto enquanto pessoas e não foram capazes. (HAVE, entrevista, Poços de Caldas/MG, 2019.)

O relato de Have aponta para o que Oliveira e Jorge (2013) discorrem sobre a Umbanda como religião genuinamente nacional. Os motivos são: “[...] ela recupera personagem da história social brasileira e os reinterpreta adequando-os à perspectiva religiosa, tendo sempre

como basilar a relação entre os seres sobrenaturais e seres naturais, seres elevados e seres menos elevados” (OLIVEIRA; JORGE, 2013. p. 45-46). Tanto Have quanto Ana Paula apresentam em suas falas aspectos importantes na religiosidade afro-brasileira.

Sobre a trajetória religiosa, grande parte dos estudantes mantiveram seu pertencimento religioso, conforme aponta o quadro 2. No entanto, é possível perceber também os seguintes destaques: a presença de múltiplas pertencas e trânsito religioso entre três estudantes.

Quadro 2: Trajetória das experiências religiosas

Pseudônimo	Pertencimento religioso antes da ocupação	Pertencimento religioso pós-ocupação
Alysson	Umbanda	Umbanda, porém com possibilidades de conhecer outras religiões.
André	Candomblé	Candomblé
Augusto	Sem religião, porém, destaca que acreditava em Deus, mas sem filiação institucional. Antes de conhecer a Umbanda, passou pelo Candomblé.	Candomblé
Caroline	Católica	Umbanda, porém, declara uma religiosidade fluida, aberta a conhecer outras religiões.
Have	Umbanda	Umbanda
Ana Paula	Umbanda	Umbanda
Daniel Oliveira	Matriz Africana	Matriz Africana
Mayna	Umbanda	Umbanda
Larissa	Umbanda	Umbanda

Fonte: Banco de dados da pesquisa nacional

Exemplos como de Alysson, Augusto e Caroline se tornaram cada vez mais possíveis diante da transformação do campo religioso brasileiro e da possibilidade de novas experimentações com o sagrado.

Não nasci católica, me batizaram católica, aí a minha mãe sempre foi católica, mas para o lado do espiritismo e tal. E daí eu fiquei “hum interessante”, aí eu vi as ramificações, né? Falei “hum interessante”. Eu tenho um pouco medo do candomblé. Respeito, claro, pelo amor de Deus! [...] Eu sou uma pessoa que varia de religiões, “hum será que eu sou budista?” “Hum será que eu vou pro Hindu?” “Pai Odin está me olhando?” Aí eu vou lá pro terreiro. (CAROLINE, entrevista, Curitiba/PR, 2019)

Novaes (2005, p. 275) destacou este fenômeno como “duplo pertencimento”. Jovens que mesmo se identificando com uma determinada religião, permanecem abertos a conhecerem outras. No caso das religiões afro-brasileiras, na perspectiva de Novaes (2005, p.

275) “revela estratégias de apresentação social ante os preconceitos e perseguições sofridos pelos adeptos”.

Os processos educativos nas religiões afro-brasileiras consistem em seu forte enraizamento cultural, histórico, nas práticas e manifestações populares no interior de sua espiritualidade. Diferente de outras tradições religiosas, a transmissão oral ocupa um lugar central na difusão das crenças e formação das subjetividades. Na Umbanda e Candomblé, a tradição oral é o meio no qual o conhecimento, ritos e significados são compartilhados, principalmente para aqueles que desejam pertencê-las. (MACEDO *et al*, 2019; OLIVEIRA; JORGE, 2013).

Ainda, há de se considerar que os aspectos regionais são extremamente importantes na interpretação dos elementos e sentidos que este grupo religioso possui. Dentro do mesmo grupo das religiões afro-brasileiras, há especificidades que variam de lugar para lugar. A compreensão de uma “pedagogia do terreiro”, na perspectiva de Macedo *et al* (2019), deve trazer como base os estudos culturais e decoloniais, na perspectiva da ruptura do padrão religioso dominante, que exclui a riqueza da pluralidade.

Portanto, considero a importância de compreender as religiões afro-brasileiras como instituições que interpretam e ressignificam demandas sociais. Subalternizadas pelas narrativas e estruturas de poder da hegemonia religiosa cristã, às experiências de terreiro e a formação identitária dos sujeitos são ocultadas a todo instante pela cultura dominante. Não há como negar que as lutas e a tradição reverberam em elementos úteis para a participação política de seus adeptos.

Os próximos caminhos da pesquisa consistem em aprofundar estas e outras experiências significativas e assim perceber os impactos que a experiência religiosa constituem na compreensão dos fatos sociais e no engajamento sócio-político da juventude.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude**

brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo:

Instituto Cidadania, 2005.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. 10ª Edição, São Paulo: Ed. Paulus, 2018.

COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (Org.). **O movimento de**

ocupações estudantis no Brasil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

FERNANDES, S. R. A. Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política? **Revista Universidade Rural**: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 2, p. 152-165, jul.-dez., 2007

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento.

Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAJES, Sônia Regina Corrêa. Jovens universitários num terreiro de umbanda e as narrativas sobre as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano XI, n. 33, p. 209-231, janeiro/abril de 2019.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. **A caverna do diabo e outras histórias**: ensaios de História Social das Religiões (Alagoas, Séculos XIX e XX). Maceió: EDUFAL, 2016.

OLIVEIRA, Irene Dias; Jorge, Erika F da Cunha. Espiritualidade umbandista – recriando espaços de inclusão. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 29-52, jan./mar,2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P2175-5841.2013v11n29p29/5085>. Acesso em 14. jun. 2021.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira** – análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

MACEDO, Y. M.; MAIA, C. B.; DOS SANTOS, M. F. PEDAGOGIA DE TERREIRO: PELA DECOLONIZAÇÃO DOS SABERES ESCOLARES. **Vivências**, v. 15, n. 29, p. 13-26, 3 out. 2019.

[1] A pesquisa nacional conta com a participação de diversos pesquisadores e instituições de ensino de todo país. CAAE: 94809518.1.0000.5142.

[2] Terreiro é o nome do local onde acontecem as cerimônias de grande parte das religiões afro-brasileiras.